

O DELEGADO NÃO PERDE UM FILME DE PEDRO ALMODÓVAR

O rapaz da padaria era José Roberto da Silva. Ele foi assassinado com um tiro nas costas, depois de reagir a um assalto na tarde do dia 12 de abril. Quando Rose soube da notícia, o delegado **ROGÉRIO** Borges Cunha já estava em frente à casa dela para obter depoimentos e impressões digitais. Um suspeito chegou a ser levado à delegacia, mas as testemunhas não o reconheceram como o autor do disparo.

Rogério nem sempre foi delegado. Já trabalhou como analista do Superior Tribunal de Justiça (STJ) e advogado da área cível. Passou no concurso para delegado substituto há dois anos e desde então atua na 13ª DP.

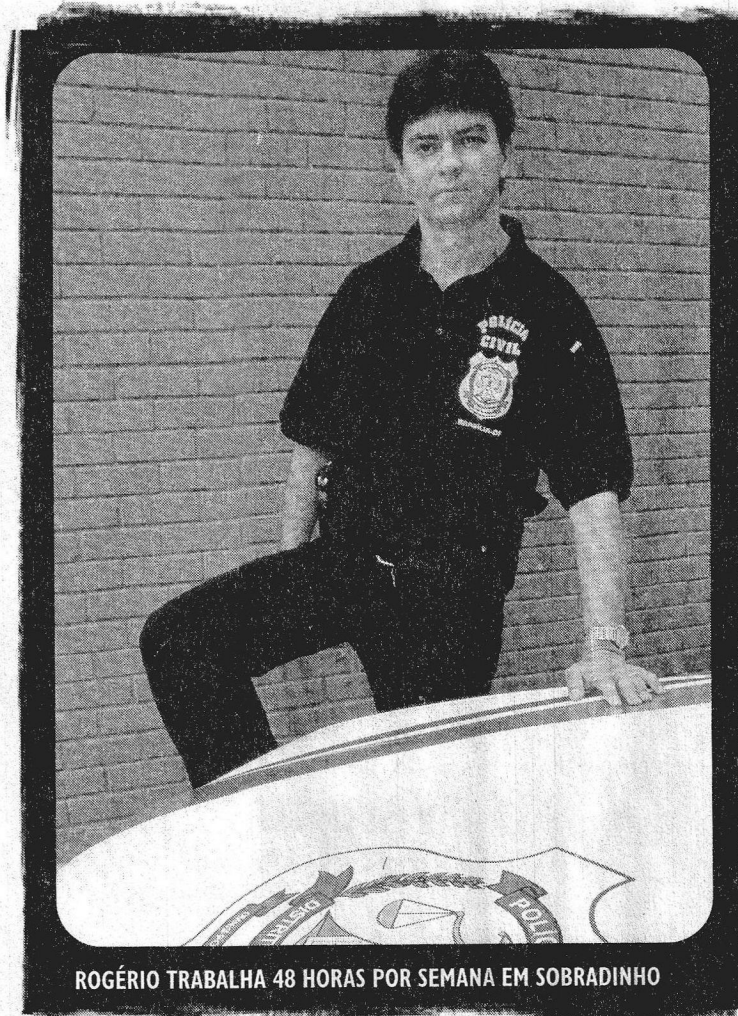
Ele gosta da profissão. “Nos primeiros dias a gente se assusta um pouco com tantos homicídios e outros crimes bárbaros. Mas o cotidiano obriga a gente a se habituar”, afirma.

O delegado não considera Sobradinho uma cidade com alto índice de **VIOLÊNCIA**. “Se for comparar com Ceilândia, aqui é tranquilo”. Tem um quê de razão: no ano passado, houve 131 homicídios em Ceilândia. A cidade que ele vigia foi palco de 27 assassinatos.

O delegado tem 33 anos e nasceu no Hospital Materno-Infantil de Brasília (Hmib). É aquele mesmo onde toda esta história começou — com a menina Jaciara. Rogério morou em Sobradinho durante 15 anos, mas há dez decidiu voltar ao Plano Piloto. Vive em um apartamento na quadra 206 Norte.

O delegado trabalha em regime de plantão. Passa um dia inteiro na delegacia e folga os três seguintes. O primeiro dia livre é inteiro na cama: dorme para recuperar a madrugada em claro.

Ele explica que os policiais civis trabalham mais do que os outros funcionários públicos. “Enquanto a maioria dos servidores dá uma jornada de 40 horas semanais, a gente trabalha 48 por semana”, observa.



ROGÉRIO TRABALHA 48 HORAS POR SEMANA EM SOBRADINHO

VIOLÊNCIA. São 24 horas trabalhando sem parar. Esse é o turno de trabalho de Rogério e dos outros três delegados plantonistas da 13ª Delegacia de Polícia de Sobradinho. Em compensação, eles descansam três dias seguidos, antes de recomeçar a jornada. Também pudera. Os delegados que fazem plantão nas delegacias do DF passam 24 horas direto ouvindo depoimentos de vítimas e acusados de roubos, furtos, estupros, homicídios e outros crimes. “É um trabalho desgastante, mas muito estimulante”, diz o delegado-assistente da 13ª DP, Itamar Magalhães, que trabalha com Rogério. Sobradinho é a nona cidade do DF em número de crimes. Em 2000, segundo a Secretaria de Segurança Pública, foram registradas 6.206 ocorrências na cidade, 4,74% do total anotado em todo o DF. O ranking de criminalidade é liderado por Ceilândia, onde foram registrados no ano passado 16.757 crimes, 23% do total do DF. Brasília aparece em 10º lugar, com 9.034 ocorrências.

Nos outros dois dias de folga, Rogério faz exercícios no Parque da Cidade, leva os filhos ao clube e vai ao cinema.

Cinema, aliás, é o grande *hobby* do policial. Quando não está em frente à telona, o delegado vai procurar bons filmes numa locadora de vídeo perto de casa. “A minha preferida é a locadora da 407 Norte. Gosto de lá porque o pessoal divide os filmes por diretores”, explica.

Rogério tem verdadeira aversão à cinematografia água-com-açúcar de Hollywood. Prefere diretores com mais conteúdo. “Vejo muitos filmes de Pedro Almodóvar, Bigas Luna e Stanley Kubrick”, explica.

O último filme que alugou foi justamente do espanhol Bigas Luna: *As Idades de Lulu*. Deu boa tarde à balconista da loja e assinou o recibo para levar a fita para casa.